

## CAPÍTULO I

Se nenhum bem, sendo mulher, posso fazer,  
Resta-me buscar o que mais se lhe assemelha.  
*The Maid's Tragedy*, BEAUMONT E FLETCHER

Miss Brooke tinha aquele tipo de beleza que um vestuário modesto parece fazer realçar. As suas mãos e pulsos eram tão delicados que podia usar mangas tão carentes de estilo como aquelas em que a Virgem Maria aparecia aos pintores italianos; e também o seu perfil, a sua estatura e o seu porte pareciam alcançar maior dignidade com aquelas roupas simples, que, ao lado das modas da província, lhe conferiam a solenidade de uma bela citação bíblica — ou de um dos nossos poetas antigos — num parágrafo de jornal. Era tida por uma rapariga notavelmente inteligente, embora menos sensata do que a sua irmã Celia. Apesar disso, não se podia dizer que Celia andasse mais enfeitada, e só um observador atento notaria que as suas roupas diferiam das da irmã e exibiam uma nota de garridice, pois a modéstia dos vestidos de Miss Brooke devia-se a condições algo adversas, grande parte das quais partilhada pela sua irmã. O orgulho na sua condição senhorial tinha algo a ver com isso. A família, embora não exactamente aristocrática, era inquestionavelmente de «boa cepa»; podíamos recuar uma ou duas gerações na sua genealogia que não encontraríamos nenhum marçano ou comerciante de tecidos — não encontraríamos nada abaixo de almirante ou sacerdote; tinham até um antepassado, um cavaleiro puritano, que servira às ordens de Cromwell mas se reintegrara depois na igreja protestante, tendo emergido dos conflitos políticos do tempo como proprietário de uma respeitável herdade familiar. É natural que jovens com tais ascendentes, que viviam numa tranquila moradia rural e frequentavam

uma igreja pouco maior do que um salão, encarassem os atavios como pretensões próprias de filhas de um bufarinheiro. Além disso, elas partilhavam o sentido de economia das pessoas bem-nascidas, que nesse tempo se pautava pela regra de que o vestuário era o primeiro item a excluir quando se impunha reservar alguma verba para despesas mais identificadoras da posição social. Tais circunstâncias, independentemente da religiosidade, bastariam para justificar aquela modéstia no vestir; mas no caso de Miss Brooke a religião seria só por si suficiente para tal, e Celia assentia brandamente aos sentimentos da irmã, infundindo-lhes apenas aquele bom senso capaz de aceitar graves doutrinas sem cair em excêntricos frenesis. Dorothea sabia de cor muitas passagens dos *Pensamentos* de Pascal, assim como das obras de Jeremy Taylor; e o destino da humanidade à luz do cristianismo fazia que as solitudes da moda feminina lhe parecessem uma preocupação própria de doidos. Era incapaz de conciliar as inquietudes de uma vida espiritual, prenhe de eternas conseqüências, com um profundo interesse em passamanes ou caimentos de vestidos. Tinha uma mente teórica, cuja natureza a fazia aspirar a uma nobre concepção do mundo, passível de incluir a paróquia de Tipton e as suas próprias regras de conduta no seio da mesma; apaixonavam-na a exuberância e a grandeza, e era capaz de se lançar temerariamente nos braços de algo em que vislumbrasse tais atributos; era pessoa para buscar o martírio, para depois se retractar e acabar por sofrer esse mesmo martírio, mas num quadrante onde não o procurara. Tais qualidades, numa jovem casadoira, não podiam deixar de influenciar o seu destino e de impedir que este fosse determinado pelos trâmites habituais, ou seja, pela beleza, a vaidade e uma simples dedicação canina. A tudo isto há que acrescentar que Dorothea, sendo a mais velha das duas irmãs, não tinha ainda vinte anos, e desde que haviam perdido os pais, por volta dos doze, as duas haviam sido educadas de acordo com um plano ao mesmo tempo austero e desordenado, inicialmente junto de uma família inglesa, e mais tarde com uma família suíça, em Lausanne, sendo esta a forma como o seu tutor, um tio solteiro, tentara remediar os inconvenientes da sua orfandade.

Ainda não fizera um ano desde que tinham vindo morar para Tipton Grange com o tio, um homem de quase sessenta anos, temperamento dócil, opiniões heterogêneas e ideias políticas incertas. Mr. Brooke viajara muito na sua juventude, e era visto em todo aquele condado como alguém que contraíra hábitos mentais demasiado tortuosos. As suas ideias eram tão imprevisíveis como o tempo: a única coisa que se podia garantir era que agiria com boas intenções, mas que despenderia o mí-

nimo possível na sua execução. Pois até as mentes mais viscosamente indefinidas encerram duros grânulos de hábito; e sabe-se de um homem que era desleixado em relação a todos os seus interesses, com a única exceção da caixa de rapé, à qual dedicava uma vigilância avara e desconfiada.

Em Mr. Brooke, era evidente que a energia puritana dos seus antepassados se encontrava em suspensão; na sua sobrinha Dorothea, pelo contrário, essa energia vibrava tanto nas virtudes como nos defeitos, transformando-se por vezes em impaciência perante os ditos do tio ou a sua atitude descontraída em relação às coisas da quinta, o que a fazia suspirar ainda mais pela maioridade, altura em que poderia aceder à sua herança e dispor dela com a generosidade que pretendia. Dorothea era vista como uma herdeira, pois, além das setecentas libras anuais que os pais haviam deixado a cada uma das filhas, se a mais velha casasse e tivesse um filho, esse filho herdaria a propriedade de Mr. Brooke, que supostamente rendia umas três mil libras anuais — renda que parecia uma fortuna para as gentes da província, que ainda comentavam a lei de Mr. Peel<sup>1</sup> sobre a emancipação dos católicos e nada sabiam de futuras minas de ouro, ou dessa magnífica plutocracia que tão nobremente aumentou as necessidades da vida elegante.

E como podia Dorothea não casar, sendo uma jovem tão atraente e tão dotada? A única coisa que o poderia impedir eram as suas tendências extremistas e a sua determinação em regular a vida por ideias que poderiam levar um homem prudente a hesitar antes de lhe pedir a mão, ou mesmo a que ela própria recusasse todas as propostas. Uma jovem bem-nascida e com fortuna, mas capaz de se ajoelhar de súbito à cabeceira de um jornaleiro doente e rezar com fervor, como se julgasse viver ainda no tempo dos Apóstolos! Uma jovem dada a caprichosos acessos de jejum, típicos de papistas, ou a ler noite fora velhos tratados de teologia! Uma esposa assim podia muito bem acordar numa bela manhã com a vesânia de aplicar os seus rendimentos de uma forma contrária à economia política e à manutenção de cavalos de sela: compreende-se que um homem pensasse duas vezes antes de se arriscar em semelhante consórcio. Das mulheres, esperava-se que não tivessem grandes opiniões; mas a principal salvaguarda da vida doméstica e social estava em que ninguém agisse de acordo com as suas opiniões. As pessoas equilibradas pautavam o seu comportamento pelo dos vizinhos; dessa forma, quaisquer lunáticos à solta podiam ser logo detectados e postos de parte.

A opinião geral a respeito das duas recém-chegadas irmãs, mesmo entre os aldeões, tendia a favorecer Celia, tida por uma pessoa amável